

A POSIÇÃO IDEOLÓGICA DE MANINHO EM CONTRAPONTO COM MAIS VELHO EM NÓS, OS DO MAKULUSU DE LUANDINO VIEIRA

Sebastiana Rodrigues da Cruz Meneguci¹

Resumo: Este trabalho propõe discutir a posição ideológica de Maninho em contraponto com Mais Velho e seus ideais sociopolíticos na obra de Luandino Vieira, *Nós, os do Makulusu*, à luz de algumas teorias pertinentes e com base nas análises de várias passagens do texto. Propõe demonstrar as contradições de Mais Velho e seu irmão caçula Maninho, alferes e morto por um guerrilheiro. Procuramos analisar seus discursos e argumentos sobre a causa que cada um defendia, o que realçava ainda mais em Mais Velho o intelectual comprometido com a desalienação do povo, ávido em provocar rupturas com velhos paradigmas e suscitar novas formas de governo que beneficiem a todos, inclusive os que vivem à margem. Ao mesmo tempo em que percebemos algumas hesitações na sua militância.

Palavras-chave: Mais Velho, Maninho, intelectual, Luandino Vieira.

Abstract: This paper aims to discuss the ideological position of Maninho, against Mais Velho and his ideals in the work of sociopolitical Luandino Vieira, *Nós, os do Makulusu*, in light of some relevant theories and based on the analysis of several passages of text. Proposes to demonstrate the contradictions of Mais Velho and his younger brother Maninho, Ensign and killed by a guerrilla. We tried to analyze his speeches and arguments about the cause that each defended, which emphasized even more in the Mais Velho intellectual committed to the alienation of the people, eager to cause ruptures with old paradigms and inspire new forms of government that benefit everyone, including those living on the margins. While we realize some hesitation in his activism.

Keywords: Mais Velho, Maninho, intellectual, Luandino.

As ideias libertárias de Luandino Vieira condicionadas pela situação histórica de Angola se tornam o mote para seus textos. As suas aspirações de liberdade para Angola, como um intelectual comprometido e participativo na conquista de independência desse país, o leva a criar histórias e personagens com algumas características que são um “espelhamento” da sua própria realidade. É o caso de *Nós, os do Makulusu*, romance pelo qual procuramos enfocar a posição ideológica da personagem Maninho, alferes morto pelas mãos de um guerrilheiro, fazendo um contraponto com seu irmão Mais Velho e seus ideais políticos e sociais. Assim como toda a história nos é apresentada sob o fluxo de sua memória, igualmente todas as situações e diálogos de Mais Velho e Maninho são meras recordações do narrador no presente da história.

O cotidiano do sistema colonial e o horror, decorrente da situação de guerra,

¹ Mestre em Estudos Literários pela da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Departamento de Letras, Campus Universitário de Tangará da Serra-MT/Brasil, CEP. 78300-000.



vai cada vez mais dessacralizando o colonizado diante da insensibilidade do colonizador. O seu pior saldo é a dignidade ferida, mas que suscita no colonizado o desejo de resistir e lutar por liberdade. Desse modo, a resistência do colonizado o leva a atitudes inimagináveis por ele mesmo, se não fosse o contexto da guerra. Ao colonizador a brutalidade inicial na dominação do outro e de tudo que lhe pertence, só aumenta juntamente com sua ambição de poder e à medida que há alguma reação do dominado. A essa reação, Frantz Fanon (1968) nomeia de descolonização e explica:

A descolonização é o encontro de duas forças congenitamente antagônicas que extraem sua originalidade precisamente dessa espécie de substantificação que segrega e alimenta a situação colonial. Sua primeira confrontação se desenrolou sob o signo da violência, e sua coabitação — ou melhor, a exploração do colonizado pelo colono — foi levada a cabo com grande reforço das baionetas e canhões. O colono e o colonizado são velhos conhecidos. E, de fato, o colono tem razão quando diz que “os” conhece. É o colono que fez e *continua a fazer* o colonizado. O colono tira a sua verdade, isto é, os seus bens, do sistema colonial (FANON, 1968, p. 26, **grifos do autor**).

É nessa perspectiva de embate entre colonizador ou colono - como prefere chamar Fanon - e colonizado, que focaremos nesse capítulo, nas diferenças de Mais Velho e seu irmão Maninho. Nascidos em Portugal, estavam em Angola desde crianças com seus pais também portugueses que partiram da Metrópole para Angola em busca de melhoria de vida. Poderíamos classificá-los de colonizado e colono, respectivamente, considerando seus discursos, seus ideais políticos e sociais, suas ações e suas posturas diante da guerra. Ambos, engajados de acabar com a guerra, porém, de lados opostos. Esperançosos de ver o fim de tantos massacres, sobretudo, de tantos sonhos destruídos, Mais Velho intelectual e revolucionário, luta com os seus panfletos?, à favor do negro e pela liberdade de Angola. Já Maninho, ainda que muito mais com a razão do que com a emoção, luta como alferes, a favor de Portugal. Em situação oposta, os irmãos tinham os mesmos ideais de paz, muitas vezes discutidas por eles:

É um jogo de sociedade, canastazinha de política, tudo isso, Mais-Velho. Arriscado? Não discordo. Só que o risco tem muitos descontos, tem prêmios de várias graduações, se pode ir perdendo pouco-pouco e depois recuperar. E a pele defende, Mais-Velho. Quer queiras quer não, te dá pelo menos uma terminação, o teu número nunca é branco, não é lâmpia. Agora eu? Agora eles? – mede o teu jogo com o meu, com o deles? Vou sim, amanhã parto, vou matar ou morrer e tu não queres o fim desta guerra mais do que eu. É um jogo perigoso, mas é mais leal porque, de certo modo, as oportunidades, as condições lhes permite, a nossa primeira conquista que o meu ir lhes permite, a nossa primeira aproximação como homens, iguais, sem nada entre nós que não seja a morte que eu darei se



lhe vir primeiro, que me darão se me virem primeiro. Estás a olhar a farda? (VIEIRA, 2008, p. 24).

Enquanto Maninho usava a farda para acabar com a guerra, mas sucumbindo o negro aos interesses do branco português, a razão de Mais Velho estava na sua forma de lutar, na sua causa e no fim que almejava: a independência do povo angolano, o rompimento definitivo da relação humilhante a qual era submetido o negro africano frente ao seu algoz europeu. A causa de Mais Velho não se voltava a si egoisticamente, mas sim, humanitariamente, a toda uma nação, como deve ser a obrigação de um intelectual, de acordo com Said,

A essa tarefa extremamente importante de representar o sofrimento coletivo do seu próprio povo, de testemunhar suas lutas, de reafirmar sua perseverança e de reforçar sua memória, deve-se acrescentar uma outra coisa, que só um intelectual, a meu ver, tem a obrigação de cumprir (SAID, 2005, p.53).

Muitas vezes criticado pelo seu irmão caçula, por sua forma de se opor à guerra e todo o regime salazarista, as contradições entre Mais Velho e seu irmão são evidenciadas em muitos aspectos, até mesmo nos motivos mais íntimos e pessoais. E novamente através das palavras de Maninho observamos essas divergências:

Olha-me; vê-me abraçado à tua quase cunhada – oh, oh, mano Mais Velho, não me xingues o riso e a confiança, nunca me trairás, tens respeito por esta cor e, muitas vezes, quem sabe? desprezas as pessoas que lhe têm... Vês este corpo rijo e perfumoso e não sabes o muito macio é esta pele e as cores e os perfumes, os brilhares que ela nasce no suor do amor. Te digo: são mulheres melhores, bem mais mulheres que essas tuas deslavadas e fingidas intelectuais que conheces e na tua coerência eu vejo paternalismo só, caridade. Isso, caridade! Não lhe fazes mal, sentirias remorsos, não que vão pensar que defendes a causa para te deitares ainda com as filhas, as irmãs, as primas, dás-lhes caridade, esmola de lhes não usares em baixo de ti, reservas isso para os que não pensam como tu, para os poderes censurar, teres razão, porque usufruem tudo nesta nossa terra de Luanda como objecto que lhes pertencem, e tens razão, mas não sabes como é sempre justo o amor de todas as mulheres [...] (VIEIRA, 2008, p. 28).

Ao negar se relacionar com mulheres negras e mulatas, na concepção de Maninho, o irmão protagonista sente um preconceito velado “sentirias remorso”, confundido pelo respeito ao seu povo de coração. Mas, também é possível que a razão de



Mais Velho, indignado com os abusos do colonizador, suprime a sua própria emoção e desejos carnis, prevalecendo a gana libertária de uma nação, por décadas, surrupiadas dos seus próprios valores e princípios morais. E na sua consciência de promover a dignidade humana para seus irmãos africanos, qualquer forma de relacionamento íntimo com uma mulher angolana o nivela a uma condição de colono explorador como tantos por lá, pois “os intelectuais são representativos não apenas de um movimento social subterrâneo ou de grande envergadura, mas também de um estilo de vida bastante peculiar, até irritante, e de um desempenho social que lhes é único” (SAID, 2005, p. 28). Portanto, não era fácil para Maninho compreender as atitudes de Mais Velho. Inclinado às vaidades e às farras e, sobretudo, aos namoricos, outra disparidade entre eles.

Apesar das diferenças, é possível perceber um carinho fraternal muito grande entre os dois, principalmente por parte de Mais Velho. Não concorda, muitas vezes, com as atitudes do irmão mais novo, mas o ama e o admira como irmão e amigo, e assim percebemos: “Mas muito que eu queria olhar no Maninho, o melhor de nós, aquele a quem se estendiam os risos das moças e os cheiros das rosas” (VIEIRA, 2008, p.75). Mais Velho tem consciência do fascínio que esse irmão tem sobre as mulheres, ainda que não aprove a sua forma de se relacionar com elas. Sabe que, apesar de lutar na guerra, a sua causa é de revolta contra o estardalhaço que produz a guerra, pois sua luta é mais para por fim aquela angústia que sacrificava a todos do que mesmo por ambição e, além disso, também não era feliz. Vejamos como Mais Velho defende e tenta justificar as atitudes de Maninho nessas palavras: “O teu preço é sangue e ele não lhe quer: a guerra que faz não é uma vingança nunca. Talvez, muitas vezes, uma forma de expiação. De legítimo e limpo holocausto. Suicídio em legítima defesa alheia” (VIEIRA, 2008, p.125).

E assim, nas lembranças de um narrador personagem atordoado pela dor, constrói-se o perfil dos dois irmãos. E nessa construção subjetiva, a imagem de ambos e as situações vividas por eles é totalmente manipulada pelas recordações contrastantes do narrador que, ora está no presente dilacerante da morte do irmão querido, o seu velório e enterro que está por acontecer e do qual caminha vagarosamente para ele “rua das Flores, rua das flores, nem uma só encontrei, queria lhes pôr no teu caixão, Maninho que me gozas o meu gosto de ruas antigas[...]” (VIEIRA, 2008, p.734), ora se volta para o passado e busca a voz e os discursos daquele a quem tanto amara. A essa narrativa desarticulada, relacionada aos sentimentos do narrador, podemos buscar as palavras de Adorno (2003, p.56) sobre a postura do narrador de um romance que trata da problemática da guerra:

○ que se desintegrou foi a identidade da experiência, a vida articulada e em si mesma contínua, que só a postura do narrador permite. Basta perceber o quanto é impossível, para alguém que tenha par-



ticipado da guerra, narrar essa experiência como antes uma pessoa costumava contar suas aventuras. A narrativa que se apresentasse como se o narrador fosse capaz de dominar esse tipo de experiência seria recebida, justamente, com impaciência e ceticismo.

E a exemplo da própria vida, Luandino Vieira cria um personagem que vive as experiências da guerra e as narra sob o fluxo da própria consciência. Nos pensamentos de Mais Velho, a imagem do irmão já vem à tona por vários momentos e os seus discursos são revividos na memória desse narrador perambulante, como se buscasse respostas para as atitudes do caçula que nunca compreendera muito bem:

Mas jurei que te levava as flores e procuro-lhes, distraído e de gravata, nas lombadas dos livros arrumados, parecem os meus dedos são os teus dedos a percorrer-lhes. E nasce o calor da tua mão neste, está em inglês, começaste a ler a tradução portuguesa mas, no fim da quarta página, atiraste-lhe no caixote do lixo, e ainda treme a felicidade de ouvir tuas palavras saídas no livro de Hemingway que vou desfolhando sem olhar mais no espelho:

- Como se comêssemos comida vomitada! Até lhe chamam Jordão! Os nomes não têm tradução, porra! São como as pessoas que os têm, as pessoas que os usam! Um nome é uma célula, uma pele mais que na vida enxertamos em nós. Ou o Robert Jordan, era português, porra?!

Essas tuas fúrias avulso, esse teu calor, esse riso, essa amizade mesmo nos ódios que tinhas, procuro-lhes em vão só, que os teus olhos estão fechados para sempre, abertos para o outro lado da vida. Só que jurei ia te levar flores que cheirassem a rosas e não fossem rosas. (VIEIRA, 2008, p.37-38).

A maior discrepância entre os dois irmãos estava nos seus ideais de vida, como dito antes. O projeto político e social de cada um é marcado por uma linha de contradição em que somente as palavras não bastam e os conflitos não se resolvem com discursos flutuantes. Embora, odiando a guerra e desejar o seu fim, como sempre fazia questão de afirmar: “ Olha Mais Velho: não a odeias mais do que eu. E só há uma maneira de a acabar, esta guerra que não queres e eu não quero: é fazer-lhe depressa, com depressa, até no fim, gastá-la toda, matar-lhe” (VIEIRA,2008, p.26), Maninho era um militar, alferes, submetido à lógica destruidora da guerra, que defendia os interesses de Portugal, contra os guerrilheiros revolucionários, que particularmente não tinha nada contra. Mais uma personagem contraditória, num contexto repressivo de guerra colonial e que, por si mesmo, repleto de contradições, onde o sentido da guerra é sempre questionado. Observemos as incoerências de Maninho em relação ao seu desempenho na guerra, através do que escreve Veiga (2010, p.154), a respeito dessa personagem:



Maninho também é capaz de matar, dispõe-se a isso quando vai para a guerra, mas não por prazer, tampouco por vingança. Apenas porque é o que deve ser feito e porque a possibilidade de matar (ou de morrer) dá aos inimigos uma igualdade que a situação colonial lhes nega. Maninho acha melhor proporcionar uma morte rápida e limpa do que prender e revistar o inimigo, entregá-lo à tortura e a uma morte dolorosa.

Maninho tinha essa ética, a consciência de não torturar tal oponente, concedendo-lhe “uma morte rápida”. Mesmo convivendo com a aparelhagem burocrática da ditadura de Salazar em que não há moral, mas faz-se o que é preciso fazer, de acordo com o alinhamento da ditadura. O alferes acreditava mesmo nessa “igualdade” que a guerra proporciona a todos que nela lutam e não importa de que lado e quais as armas de que dispunham, mas, paradoxalmente, se sentia impelido a lutar apenas pelo peso da farda que usava e o cargo que ocupava, como por vezes ressalta em seu discurso:

[...] oh! Kibiaca da infância, salta e vamos soltar gunguastros nas gaiolas! – de cima de sua árvore, que a sua mão vai tremer quando me apontar a carabina do roceiro que decapitou e não tremerá e eu não tremerei se o vir primeiro e aponto a minha metralhadora e vou ficar com o coração leve a ver-lhe cair lá de cima do pau no capim alto e fofo da nossa infância. Que não é ele que revistarei; não é ele que vou procurar salvar – para depois lhe matarem com torturas para lhe fazer falar o que ele não vai falar. Ele ficará, ficou, fica nos capins soterrados do Makulusu quando a gente pelejávamos até no cansaço e no sangue derramado porque vamos já, lavados de sujos receber quicuerra e micondos de mamã Ngongo (VIEIRA, 2008, p.24).

Os argumentos egoísticos do alferes se misturam com a tristeza de ter que matar guerrilheiros conhecidos que crescera junto, como Kibiaca, amigo de infância criado junto com ele no bairro Makulusu. Negro e discriminado pelo regime português, Kibiaca se torna guerrilheiro e vai lutar contra as forças de Salazar, ou seja, contra Maninho. Na consciência atormentada de Maninho, as contradições da guerra são acirradas gerando um conflito entre a aceitação de ter que matar os negros, lutando na guerra ou simplesmente resistir a ela, pois jamais defende os motivos da guerra, mas simplesmente faz a sua opção de fazer parte do exército português, sendo

apenas um homem que recusou a glória e a estética da escolha: alistou-se no exército português, não por razões ideológicas, senão por ser branco e por pensar, de maneira algo ingênua, que a guerra é um processo bastante igualitário porque leva sempre à morte (LEVÉCOT, 2011, p.46-47).



Desta forma, na resolução de “acabar com a guerra”, sabia que, em um confronto, não exitaria em matar o amigo de tantas brincadeiras, risos e alegrias no passado. É isso que faz a guerra, desumaniza o ser humanizado para justificar a crueza dos seus atos, afinal, “que importante dever temos em relação a um animal ou a uma coisa, com que se parece cada vez mais o colonizado? Compreende-se então que o colonizador possa permitir-se atitudes, julgamentos tão escandalosos.” (MEMMI, 1977, p.82).

As preocupações de Mais Velho sobre as consequências da guerra e seus ideais revolucionários, não são diminuídos com a ousadia constrangedora de Maninho, que já no seu funeral, morto pela guerra, invade os pensamentos desse irmão protagonista, ao ver a mãe chorar copiosamente, sangrando pela morte do filho caçula:

- Meu filho! Meu filho!

Ele é branco, está mais branco e não pode te ouvir essas verdadeiras palavras para lhe aumentarem na firme e férrea determinação de acabar com a guerra à granada, gastar com depressa, *como eu não aceito* (VIEIRA, 2008, p.67, grifo nosso).

A forma de acabar com a guerra defendida por Maninho, com o uso de granadas, metralhadoras e matanças, em nada agrada Mais Velho, pois sabia que era uma guerra desigual, em que os aparatos bélicos da armada portuguesa não correspondiam aos poucos armamentos dos quais dispunham os guerrilheiros, muito mais embasados pela necessidade de expulsar do seu território os invasores europeus que, a peso de sangue, se apossaram de suas terras, vidas e dignidade, e é Fanon (1968, p.31) quem afirma “é o colonizador quem tem feito e continua a fazer o colonizado. O colonizador tira sua verdade, isto é, seus bens, do sistema colonial”. Por isso, a necessidade de lutar do colonizado, revoltado, sofrido e cansado de não ser gente em sua própria casa, tendo como principal arma a coragem, as mãos e, quando muito, algumas armas rústicas de fabricação própria ou saqueadas dos próprios invasores.

E, como Mais Velho representa o intelectual comprometido com o projeto político e social de Angola, defendendo os direitos e a liberdade dos angolanos, mas oscilante no seu caráter, com certa fraqueza moral, podemos pensar também no intelectual que está tentando assumir suas próprias contradições. Considerando que a condição do intelectual é por si problemática, vejamos o que diz essa pesquisadora sobre o intelectual no contexto africano:

Se o termo ou a categoria “intelectual” é extremamente questionável



entre nós, brasileiros, imaginemos como tal situação é concebida e digerida em uma sociedade africana, recentemente independente, que tem de lidar com a mais absoluta carência dos bens elementares à sobrevivência humana. Será que nesse contexto social, que é de certa maneira apocalíptico, haveria lugar para a intervenção heróica desse “porta-voz” dos oprimidos? (SINDRA, 2007, p.177)

O que não se pode pensar é que as dificuldades encontradas na sua tarefa de intervir contra as ideologias dominantes, possam levá-lo a uma alienação sustentada pela lógica reprodutiva do capitalismo. É preciso que o intelectual tenha consciência da sua ruptura com o mundo alienante e considerar os entraves que encontrará ao longo do caminho, pois como afirma Gramsci (2006, p.10) “deve ter-se em conta que a formação dos quadros intelectuais na realidade concreta não se produz num terreno democrático muito abstrato, mas de harmonia com processos históricos tradicionais muito definidos”. O tradicionalismo e a reprodução de valores e ideologias que favorecem a poucos é o berço da contestação e, assim, surgem os intelectuais como Mais Velho, com seus questionamentos e também imprecisões “a transgredir todas as ordens e regras de segurança” (VIEIRA, 2008, p.142) e ir tecendo uma nova realidade, “ir construindo, em cima disto tudo, o que vai negar isto tudo. O que nos vai negar, Paizinho” (Id.). Por momentos, evocando a figura do meio irmão Paizinho, seu comparsa na postura militante e clandestina, o próprio narrador reconhece suas dúvidas e assume desconhecer o rumo que suas vidas tomariam, como vemos nesse trecho:

Eu sei, mas para ter a certeza, que não posso nunca ter, não é uma coisa feita por medida, como um fato, não tem uma certeza na medida de cada qual mesmo que cada qual vista a sua certezinha consigo e sem ela não se pode viver, preciso de te ouvir dizer o que eu sei bem, mas que, dito por ti, por outro alheio, é mais certo: o teu relativo vira absoluto meu – solidariedade, é assim? – e vai também me tranquilizar, nascer a certeza que depois vou destruir e destruindo-lhe para lhe desconstruir e ir assim, contigo que não és só tu mas nós, os do Makulusu, [...] (Id.)

As reflexões de Mais Velho, mergulhado nas suas incertezas acerca do projeto social de Angola, apreensivo pelo período tenso do país, o que agrava ainda mais a sua condição problemática de intelectual. Suas contradições ficam mais acirradas em conformidade com o contexto de guerra e as condições de dominação da metrópole não facilita em nada a intervenção. Talvez os intelectuais modernos, com suas dificuldades de aceitação/contestação das classes dominantes, são aqui representados por essa personagem. Luandino Vieira pretendia apontar as situações antagônicas que permeiam essa classe, mesmo porque o intelectual é um ser único, com características peculiares, “justamente aquele que se mete no que não lhe diz respeito”, de acordo com Novaes (2006, p.50). As barreiras encontradas dificultam ou impedem a luta pela transforma-



ção da sociedade, causando-lhe uma profunda angústia e dificuldade no pensar, refletir e agir. As limitações impostas pelas normas vigentes, às vezes, desarticula os intelectuais no seu objetivo de reformas. Como grande intelectual do seu tempo, o próprio Said discursa sobre a complicada situação dos intelectuais que:

[...] envolvidos em numerosas dificuldades e tentações, mantendo ou traindo sua vocação, não como uma tarefa fixa a ser aprendida de uma vez por todas num manual do tipo “como fazer”, mas como uma experiência concreta constantemente ameaçada pela própria vida moderna (SAID, 2005, p.33).

A exemplo do intelectual comprometido com a defesa dos direitos iguais e a promoção do saber para uma vida digna, que de acordo com Edward Said (2005), atua na “esfera pública”. O intelectual que nem sempre se encontra numa situação confortável e muito menos uma tarefa simples, assim se encontra Mais Velho que, embora sua condição de branco português o assemelhe mais à condição de colono do que colonizado, está sempre solidário às arbitrariedades acometidas sobre a nação africana e sabe que:

[...] o significado de uma intervenção efetiva nesse domínio deve resistir na convicção inabalável do intelectual num conceito de justiça e no respeito à igualdade de direitos que admitam as diferenças entre as nações e indivíduos, sem, ao mesmo tempo, atribuir-lhes hierarquias, preferências e avaliações dissimuladas (SAID, 2005, p.97)

O seu íntimo e a voz estão sempre em confronto com os interesses políticos da sua terra e repudia aquela guerra em que participa o irmão, mesmo sem convencê-lo.

Uma guerra prolongada e incessante, acentuada pelo racismo e pela imposição de valores, costumes e a cultura da metrópole. Sonegava ao negro os seus direitos e dignidade, à medida que o derrotava na sua identidade, num processo de descaracterização e escravidão como afirma Fanon (1968, p.36):

Todo povo colonizado, isto é, todo povo no seio do qual nasce um complexo de inferioridade, de colocar no túmulo a originalidade cultural local - se situa frente-a-frente à linguagem da nação civilizada, isto é, da cultura metropolitana. O colonizado se fará tanto mais evadido de sua terra quanto mais ele terá feito seus os valores culturais da metrópole. Ele será tanto mais branco quanto mais tiver rejeitado sua negrura ...



A dominação escravizante que precisava ser combatida. Mais Velho entendia que precisava alimentar os ideais de transformação e construção de uma nova Luanda, fazer tornar possível o sonho de liberdade que o colonizador sempre quis exterminar, pois: “No contexto colonial, o colono só dá por findo seu trabalho de desancamento do colonizado quando este último reconhece em voz alta e inteligível a supremacia dos valores brancos.” (FANON, 1968, p. 32). Era essa “supremacia dos valores brancos” que tinha que ser combatida com pensamentos organizados e planos articulados, partindo para a práxis, pudesse derrotar o inimigo mais forte e centralizador do poder, pois “as representações intelectuais, suas articulações por uma causa ou ideia diante da sociedade, não tem como intenção básica fortalecer o ego ou exaltar uma posição social. Tampouco têm como principal objetivo servir a burocracias poderosas e padrões generosos” (SAID, 2005, p.33).

Quanto mais o colonizado é atormentado psicologicamente, mais cresce nele a fúria contra o governo, culminando na guerra libertária, segundo Fanon (1968). Outra contradição da guerra e talvez a mais latejante. Inicia-se, então, o processo de descolonização debatido pelo autor acima e que denomina de “encontro de duas forças congenitamente antagônicas [...] que segrega e alimenta a situação colonial” (Id. 26). À medida que a guerra machucava e humilhava, mais necessária ela se faz, porque “a descolonização é, na verdade, criação de homens novos” (Id., p.27). Quanto mais tenta introjetar a dominação no colonizado, mais ele a recusa e se opõe e é impulsionado a lutar, é que “a descolonização jamais passa despercebida porque atinge o ser, modifica fundamentalmente o ser, transforma espectadores sobrecarregados de inessencialidade em atores privilegiados, colhidos de modo quase grandioso pela roda-viva da história” (Id.). Mas não houve nenhum acordo facilitador e muitas pessoas pagaram o preço, como o próprio Luandino Vieira recluso por tantos anos, atestando que “esta criação não recebe sua legitimidade de nenhum poder sobrenatural; a ‘coisa’ colonizada se faz no processo mesmo pelo qual se liberta” (Id.).

Consciente da situação desfavorável dos oprimidos que, embora fossem a maioria, eram a minoria em artefatos bélicos, Mais Velho discute com Maninho a sua facilidade em encarar as mortes do “inimigo”, onde a dignidade para este consistia apenas em se manter vivo.

A dignidade, Mais-Velho, se mede no igual para igual, tu de cá e eu de lá, se tu tens arma na mão, se tu tens mão, eu tenho mão vazia, eu de arma na mão, e quando o outro não tem o que eu tenho na mão, nenhum que é digno de si e do outro ou de ambos – e quem que não tem deve eliminar o outro para sua dignidade.

– Deve eliminar o que tem na mão para ficarem de mãos iguais! – berro, ao sol, e me olham banzados (VIEIRA, 2008, p.30).



A resposta de Mais Velho demonstra toda a sua indignação, antagônica à postura do irmão militar. O bom senso de Maninho se esvai e, juntamente com ele, a sensibilidade pela dor alheia e a importância à vida dá lugar apenas à violência, reflexos da guerra, como explica Fanon (1968, p.40):

Ao nível dos indivíduos assiste-se a uma verdadeira negação do bom senso. Enquanto o colono ou o policial podem a qualquer momento espancar o colonizado, insultá-lo, fazê-lo ajoelhar-se, vê-se o colonizado sacar a faca ao menor gesto hostil ou agressivo de outro colonizado.

Ao colono colerizado e insensato descrito por Fanon, podemos comparar Maninho, com seu discurso ardil que revolta o personagem Mais Velho. São momentos de tristeza e decepção para com as atitudes do irmão e a opção feita por ele. O descompromisso de Maninho com a vida e o descaso no projeto de libertação dos angolanos se posicionando como seu algoz, nos remete ao silêncio do intelectual criticado por Novaes (2006), ao mesmo tempo em que os princípios que deveriam pautar suas atitudes são deixados de lado: “A situação se radicaliza a medida que valores universais – liberdade, justiça, razão, verdade – matérias do intelectual, perdem legitimidade e valor” (p.07). As palavras do autor contemplam o perfil de Maninho, por pensarmos que ele fez a sua opção sem considerar os “valores universais” que balizam o caráter do intelectual. Contradizendo-se, revoltava contra a guerra, mas ia matar seus irmãos negros, justificando “ – morrer com a casa, lavar a desonra nas chamas e nas ruínas” (VIEIRA, 2008, p.136), como sempre dizia.

Atentamo-nos por um momento sobre o nome, ou apenas o apelido, do narrador. Nome, não sabemos ao certo, pois em nenhum momento nos é descrito claramente na narrativa, mas somente a alcunha de Mais Velho, assim como seu irmão Maninho. Poderíamos pensar que, mesmo com ideologias diferentes e rumos contrários que cada um segue na trama, essa seria uma forma carinhosa de se tratarem. Mas considerando que assim são chamados por todos e não somente entre si e, principalmente, se tratar de uma literatura embasada no contexto de guerra colonial com algum destaque para a cultura africana, há uma possibilidade de não ser meros apelidos, mas alcunhas escolhidas cuidadosamente pelo autor. Vejamos as definições de dois pesquisadores acerca do nome, ou melhor, apelido dessas duas personagens, a começar por Veiga (2010, p. 71):

O apelido, Mais-Velho, tem origem nas relações da família. Ele é, primeiro, o filho mais velho, mas é, principalmente, o irmão mais velho. Uma denominação que se ampara e apóia em outra, e com ela se articula: para ser Mais-Velho era preciso que houvesse um irmão



mais novo, Maninho, a outra metade do par. Este é um primeiro índice da ligação vital que há entre os dois personagens. Ligação que é uma das linhas estruturadoras do romance, uma construção paralela ao mesmo tempo alicerçada na afinidade (fraternal e cúmplice para além das palavras, quase telepática) e na oposição (de comportamentos pessoais e ação política).

Percebemos nas considerações do pesquisador acerca das denominações das duas personagens, sendo uma mais velha e a outra mais nova, a “ligação vital” entre ambas, mas a diferença das mesmas que é um dos motes dessa narrativa. A “oposição” dos dois irmãos se fundamenta especificamente nas suas contradições, que podem ser “próprias do autor”, como afirma o próprio Luandino Vieira numa entrevista a Laban (1980, p.44): “Tenho estado sempre a falar do desdobramento ou da apresentação separada de duas contradições próprias do autor: Paizinho e Maninho. Esqueci-me de que a outra parte é o narrador. Facilmente confundi o narrador com Paizinho.”

Essa “confusão” de Luandino Vieira, ao se referir a Paizinho em vez de Mais Velho, por vários momentos nas suas entrevistas, já foi bastante discutida no meio académico ou por alguns estudiosos do assunto, como um ato falho do autor, mas que reconhece essa troca de nomes, possivelmente, porque Paizinho e Mais Velho terem ideais e atuações parecidas, embora finais diferentes. Enquanto o primeiro termina preso e castigado pela PIDE, a história finaliza com as indagações de Mais Velho: “Nós, os do Makulusu?” (VIEIRA, 2008, p. 152). Sem contar a sua postura inerte (a que sempre teve, na verdade), apenas a observar desiludido o carro da PIDE se afastando com o amigo e companheiro de causa, que jamais veria novamente: “O carro dos pides arranca. Fico ali, no lado de Maricota e o funeral de meu irmão caçula marcado para mais tarde.” (VIEIRA, 2008, p. 152). Essa imagem bizarra de Mais Velho vendo seus dois irmãos amados irem embora por conta dos seus ideais, salienta a diferença entre ele e o caçula, pois “a contradição maior está posta mesmo entre Maninho e Mais-Velho: são irmãos plenos, compartilham família, cultura comum e na situação colonial agrupam-se entre os colonizadores; tudo isso torna suas oposições ainda mais expostas.” (VEIGA, 2010, p. 72). Com base nas palavras de Veiga, podemos então pensar que são os lados opostos de uma mesma guerra, os partidos que cada um toma para si e a causa que procuram defender, vivendo num mesmo contexto e, sobretudo compartilhando uma convivência e amizade, esses fatores que acirram a diferença entre eles.

Quando Pires Laranjeira descreve as características dos “mais-velhos” em seu texto *Os “mais-velhos”, a política e a instituição literária* (2007), ele postula a imagem de alguém mais experiente, possuidor de uma sabedoria peculiar e com uma grande representação para a sua comunidade ou meio social. Vejamos em suas afirmações a definição que este autor usa para a expressão “mais-velho”:



Uso a palavra “mais-velhos” (uma palavra aglutinada com hífen) no sentido de os “menos novos” que viveram uma vida intelectual e política intensa e que, independentemente da idade com que morreram, acham-se hoje perpetuados entre os povos a que pertenciam, inclusive ultrapassando a condição nacional para projetarem as suas obras – escritos e legado político – para lá dos territórios de origem. O sentido da palavra está relacionado obviamente com o contexto africano, em que os “mais-velhos” são os depositários do saber e da experiência, que funcionam como exemplo para as suas comunidades. Estes “mais velhos” são, de certo modo, uns antepassados especiais, com valor real de fundadores ou renovadores de comunidades e/ou representantes inovadores de tais comunidades. Renovaram as práticas políticas e culturais (LARANJEIRA, 2007, p.11).

Evocamos aqui as palavras de Laranjeira porque nos remetem ao Mais-Velho de *Nós, os do Makulusu*. Por tudo que já descrevemos sobre esse personagem, percebemos que não foi por acaso que Luandino Vieira escolhe o narrador e protagonista com esse nome, e atribui ao irmão caçula, alferes, intempestivo e impulsivo, o nome de Maninho.

- Preconceitos, Mais-Velho! Vais ver...

Estou ver e aprendi que ele é sempre o melhor, que ele tem sempre razão mesmo quando não lhe tem, pois tem razão para não lhe ter: *nunca será mais-velho*. Mas não sei ainda que nunca será mais-velho porque, dentro de alguns meses, vai-se riscar no firmamento de seu riso com a última estrela cadente: um tiro, e nem em combate. (VIEIRA, 2008, p.84, grifo nosso)

O próprio narrador acredita que o irmão mais novo “nunca será mais-velho”, justificando em seguida o motivo de sua morte, o que possibilita uma dupla interpretação. Talvez fosse mesmo por Maninho morrer precocemente, haja vista atribuir vários elogios ao irmão “o melhor”, “tem sempre razão”. Contudo, se lembrarmos das discussões entre eles acerca da guerra, das lutas e da ideologia de cada um, é bem possível que Mais-Velho estivesse sendo irônico a respeito do irmão.

Como afirma Laranjeira, cabe aos “mais-velhos” o exemplo e o saber, “representantes inovadores” de suas comunidades, intelectuais pela sua própria natureza, solícitos com os companheiros e a nação que representam. E nessa definição encontramos o nosso personagem central, comprometido ideologicamente com a revolução iminente, influenciando “um processo contínuo e real, por exemplo, a causa da paz e da justiça” (SAID, 2005, p.103). E para alcançar essa “paz” desejada e fazer “justiça”, Mais



Velho vive o seu maior paradoxo quando dá de presente ao seu amigo Kibiaca uma pistola *Parabellum* para lutar contra as forças militares de Salazar:

E Kibiaca, de repente, o seu cambuta coração de criança chora de raiva no escuro da varanda.

- Mais-Velho, porra! Um gajo também se cansa de não ser homem!

Noite de Natal. Ponho no sapatinho o único brinquedo que merece um homem digno como o meu amigo Kibiaca: *Parabellum*, de 9 milímetros. Se pôs a caminho para a mata, direcção nas Mabubas e nem tinha uma estrela no oriente para lhe guiar, como eu e o Paizinho. Torcera, com suas mãos, o pescoço na ameaça do patrão. Digno ainda em sua morte: nem faca, nem arma de tiro – as mãos que são culpadas de ter homens com ideias e dignidade. Lhe deu ainda, no castigo, uma honra, Kibiaca (VIEIRA, 2008, p.145).

O amigo angolano, negro e guerrilheiro, reclama o sofrimento da humilhação sofrida pelos brancos colonialistas e, na noite de Natal, Mais Velho o presenteia com a arma para, não somente se proteger, mas perseguir e matar o inimigo que tanto o afrontara e continua a afrontar no dia a dia. A sua razão paradoxal está na necessidade de lutar para viver dignamente. É uma guerra necessária que provavelmente levou Kibiaca à morte “digno ainda em sua morte”, mas que jamais cruzara os braços naquele universo opressor, onde:

A descolonização jamais passa despercebida porque atinge o ser, modifica fundamentalmente o ser, transforma espectadores sobrecarregados de inessentialidade em atores privilegiados, colhidos de modo quase grandioso pela roda-viva da história. Introduce no ser um ritmo próprio, transmitido por homens novos, uma nova linguagem, uma nova humanidade. A descolonização é, na verdade, criação de homens novos. Mas esta criação não recebe sua legitimidade de nenhum poder sobrenatural; a ‘coisa’ colonizada se faz no processo mesmo pelo qual se liberta” (FANON, 1968, p.26-27).

A necessidade de mudança naquele contexto de horror para a nação africana e de privilégios exclusivos para o colonizador europeu justificava a guerra anticolonial de Mais Velho e Kibiaca.

Temos de fazer o que fazemos mesmo que Maninho está-se a rir – e já não está, só está morto – e nos xingue que são jogos de sociedade, não tem mais outro caminho: lutar a guerra para lhe gastar com depressa, como falas tu, meu capitão-mor do reino do cemitério do Alto das Cruzes; lutar para que a tua razão não seja razão e que tu



vivas e Kibiaka viva e todos os mortos possam viver e os vivos morram sem precisar de ser heróis. E de repente, me lembro agora na terceira palavra: *kikunda*, traição, é isso, e digo:

– *Ukamba, ukamba, kikunda!* – saímos no fundo da morte do Makokaloji (VIEIRA, 2008, p.143).

No espaço pulverizado pelo clima de guerra e no auge da dor pela perda do irmão, Mais Velho vê a necessidade de refutar qualquer desânimo de luta para concretizar o sonho de revolução. Por tudo que já vimos, sabemos que “no presente da ação, Mais-Velho está política e ideologicamente comprometido com a causa dos nacionalistas e com a luta pela independência de Angola” (VEIGA, 2010, p.74), da mesma forma que Luandino Vieira esteve engajado com sua obra. Sempre contestando contra os desmandos de Salazar, criticando e transgredindo as normas arbitrárias do governo e exigindo liberdade e autonomia para seu país, como descreve Sindra (2007), ao traçar algumas configurações sobre o autor, numa proposta direcionada ao intelectual contemporâneo:

Luandino, assumindo o típico caráter do intelectual moderno, almeja denunciar a violência das relações humanas (seja ela física, psicológica, política e/ou de classe) na sociedade angolana. Ele se levanta contra as imposições do Estado e faz de sua escrita um instrumento de luta política contra o colonialismo português que durante séculos oprimiu seu país. (SINDRA, 2007, p.178)

Com essas características descritas pela autora, podemos pensar no intelectual Luandino Vieira criando as duas personagens centrais e antagônicas para tecer alguns questionamentos e/ou críticas a respeito do intelectual moderno e suas diferentes formas de engajamento nas questões inerentes à sociedade em que está inserido. Bem como, traçar os problemas enfrentados por essa classe no cotidiano. Referindo-nos a Mais Velho e Maninho, ambos são problemáticos, pois defendem a guerra que escolheram defender, mas com algumas oscilações. Enquanto Mais Velho almeja a vitória para Angola, mesmo sem jamais lutar na guerrilha, Maninho decidido e obstinado luta armado contra os negros, verdadeiros donos da terra que se intitula também sua, como um verdadeiro herói às avessas. E como nessa perspectiva libertária não havia lugar para nenhum tipo de alienação, pois lutar era preciso e não importam quais os meios utilizados: armas, palavras, panfletos. A diferença entre os irmãos é bem ressaltada nas palavras de Maninho: “Espalha os teus panfletos, que eu vou matar negros, Mais-Velho! E sei que eles te dirão o mesmo: espalha os teus panfletos, vou matar nos brancos!” (VIEIRA, 2008, p.26).

A conscientização dos angolanos para a luta se dá à medida que a violência



do colonizado aumenta e a agonia do desprezo traz a urgência de manifestação real contra essa situação, mesmo porque “o que está em causa já não a ética da heroicidade, mas sim a da sobrevivência, e é o africano que, combatendo no seu próprio terreno, impõe o estilo que melhor lhe convém nesse combate para a sua sobrevivência (LEVÉ-COT, 2011, p.46). Novamente a contradição da guerra, em que a paz sonhada consiste justamente em fazer a guerra e sobreviver, colocando a própria vida em risco (truncado). Não há alternativas possíveis, não há outra saída mais pacífica e Luandino Vieira conhece essa realidade, por isso descreve bem essa situação real de Angola em *Nós, os do Makulusu*. O clima de guerra e a tensão do ambiente são facilmente percebidos no discurso simbólico do autor, ela está ali representada ou apresentada ao leitor com “poucas imagens de guerra, mas é, no entanto, uma realidade guerreira, aquela em que ele próprio esteve empenhado, embora dela ele estivesse afastado pela circunstância da sua encarceração” (Id. p.36). E toda possível reconstituição da “realidade guerreira” é feita sob a égide da dor e das lembranças do narrador.

E no contexto fictício da obra, *Mais Velho* age e estimula os companheiros a agirem, pois na sua visão de intelectual “falar a verdade ao poder não é idealismo panglossiano: é pesar cuidadosamente as alternativas, escolher a certa e então representá-la de maneira inteligente, onde possa fazer o maior bem e causar a mudança correta” (SAID, 2005, p.104). E como escolher a alternativa é mesmo uma questão pessoal, ambos os irmãos portugueses, criados igualmente na terra africana com seus irmãos negros, fizeram cada um a sua opção e construíram a sua história. O caçula Maninho, como alferes pronto a matar ou morrer, morre pelas mãos de um guerrilheiro ansioso por viver dignamente, enquanto *Mais Velho* busca a liberdade para aquela nação que não nascera de fato, mas que amava e, acima de tudo, respeitava, pois como afirma o próprio Luandino Vieira, “Mukondakutuatundukiá, ki tutenakumona-kudingikima. O kima tu-ki-sanga, kialakutuala um ia: Porque de onde viemos nada mais há para ver. O que procuramos está lá para onde vamos” (VIEIRA, 2008, p.153).

O discurso desse narrador está mergulhado num cenário de dor pela morte do ente querido, que nem ao menos morrera em combate, mas numa emboscada dos guerrilheiros, como sempre faz questão de ressaltar. A todo o momento *Mais Velho* nos apresenta um Maninho que se assemelha a “um bravo guerreiro”, admirado e corajoso, o melhor de todos, para em seguida, evocar suas palavras de descaso ao povo africano, um alferes frio a serviço das forças portuguesas. Dessa forma, já não é mais o bravo lutador, que não teme a morte e que, num ato quase heroico, não hesita em lutar apenas para por fim à guerra que odiava. *Mais Velho* nos dá a conhecer um Maninho algoz, que luta contra seu povo, inimigo dos negros e do projeto de libertação de Luanda. Essas contradições sobre o irmão, que *Mais Velho* transporta por toda a história, nos permite associá-las ao próprio narrador. Os seus conflitos, anseios e, principalmente dúvidas e indecisões ecoadas em sua mente, infligindo-lhe a alma num contexto de



guerra colonial, onde as contradições são agudizadas, ocupando um lugar central.

Referências

ADORNO, Theodor W. **Posição do narrador no romance contemporâneo**. In: ____ *Notas de literatura I*. ed. 34, São Paulo: Duas Cidade, 2003.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Pref. Jean-Paul Sartre. Trad. José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. GRAMSCI, Antonio. A formação dos intelectuais. Rio de Janeiro: Achiamé, 2006.

LABAN, Michel *et alii*. **Luandino. José Luandino Vieira e sua obra (estudos, testemunhos, entrevistas)**. Lisboa: Edições 70, 1980. [Signos, n. 32]

LARANJEIRA, Pires. **Os “Mais-Velhos”, a política e a instituição literária**. In: *Revista ECOS*. Linguísticas, Literaturas e Educação. Coordenação de Agnaldo Rodrigues (Revista do Instituto de Linguagem). Cáceres-MT: Editora Unemat, 2007. p.11.

LEVÉCOT, Agnes. **Uma guerra sem guerra: da circunstância à universalidade em Nós, os de Makulusu de Luandino**. In: BATTISTA, Elisabeth; MAQUÊA, Vera; SILVA, Agnaldo Rodrigues. (Org.). *Poética, Políticas e Representações literárias*. São Paulo: Arte e Ciência, 2011.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. Trad.: Roland Corbisier e Mariza Pinto Coelho. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1977.

NOVAES, Adauto (Org.). **O Silêncio dos Intelectuais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SAID, Edward W. *Representações do Intelectual: as Conferências Reith de 1993*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SINDRA, Angélica Gherardi. **Intelectuais no contexto político e literário: o papel do angolano Luandino Vieira**. In: *Revista Scripta*, Belo Horizonte, v. 11, n. 20, p.177-193, 2007.

VEIGA, Luiz Maria. **Retratos do colono, do colonizador, do cidadão: a representação literária da minoria branca em Nós, os do Makulusu e em outras narrativas angolanas**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 2010.

VIEIRA, José Luandino. **Nós, os do Makulusu**. 5ª ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2008.



Data de aceite do texto: 03/06/2013. O conteúdo deste texto é de inteira responsabilidade da autora.

